



A Traição Conjugal nas Telenovelas Brasileiras¹

Prof.^a Me. Cíntia Ferreira de Souza²
Prof.^o Dr.^o Paulo Rogério Meira Menandro³
Universidade Federal do Espírito Santo Vitória/ES

Resumo

O trabalho pretende a partir da análise de conteúdo de seis novelas do horário nobre, exibidas entre 2003 e 2008 pela Rede Globo de Televisão, especificamente, *Mulheres Apaixonadas*, *Senhora do Destino*, *América*, *Páginas da Vida*, *Paraíso Tropical* e *Dois Caras*, identificar e analisar a traição conjugal nas telenovelas. O objetivo é constatar e discutir as características dos arranjos familiares no qual ocorrem as traições, a condição sócio-econômica e os motivos que levam ao comportamento nos dois gêneros.

Palavras-chave

Família; traição conjugal, gêneros e telenovela

1 – INTRODUÇÃO

Muitos os temas são abordados nas telenovelas. Alguns são mais comuns e corriqueiros e fazem parte da tramas, principalmente aqueles em que há a possibilidade de ocorrer em vários núcleos e/ou entre os núcleos, como é o caso da traição conjugal. Ele reúne características que podem fazer ligação com diversos outros temas e trata-se de assunto a respeito do qual a discussão permanece viva na sociedade e interessa a todas as idades, conservando certo caráter polêmico.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Cíntia Ferreira de Souza é graduada em Comunicação - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestre em Psicologia pela UFES, e-mail: cinthiaferreira.souza@yahoo.com.br

³ Paulo Rogério Meira Menandro graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB, 1974) e Doutor em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (USP, 1982). E-mail: www.ufes.br



A trama das telenovelas frequentemente se estende por mais de 200 capítulos e tal característica gera a necessidade de enfiar os acontecimentos em algumas situações que garantam âncoras de continuidade e de correspondência com a realidade, sendo a principal delas a presença das famílias dos personagens. Hamburger (1998) destaca que “os modelos de homem e mulher, de namoro e casamento, de organização familiar, divulgados pela novela e sucessivamente atualizados, amplificam para todo o território nacional as angústias privadas das famílias de classe média urbana do Rio de Janeiro e São Paulo” (p. 443).

Percebe-se, portanto, que uma das facetas da realidade que está espelhada nas telenovelas diz respeito às configurações e à qualidade das relações familiares, aos relacionamentos amorosos, o que torna tal material televisivo especialmente interessante como fonte de dados para o estudo de características de certos relacionamentos conjugais reconhecíveis no país.

Lopes, Borelli e Resende (2002) argumentam que as histórias e as situações mostradas na trama das novelas introduzem possibilidades de serem criadas novas fontes de identificação nas quais os adultos podem encontrar a base para enfrentar demandas de reformulação e reatualização de sua herança familiar. As autoras acrescentam que “as famílias, como personagens, reproduzem os modelos idealizados, ao mesmo tempo que exploram conflitos resultantes da coexistência de antigos e novos ideais” (p. 218).

Hamburger (1998) é possível mencionar que “a novela estabelece padrões com os quais os telespectadores não necessariamente concordam, mas que servem como referência legítima para que eles se posicionem” (p. 443), fornecendo um “repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relação às outras” (p. 441).

Lopes, Borelli e Resende (2002) acrescentam que “mesmo se propondo a ser fictícia, a telenovela não se separa da planície familiar que se estende em torno do análogo: retrata a visão íntima da sociedade, nos aspectos em que as pessoas estão, na realidade, preocupadas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares. A exposição da intimidade, na tela, cria um imaginário comum, catalisador e unificador de sonhos, desejos e fantasias; autoriza a revelação, metáfora da confissão, restitui a



possibilidade de lidar com as expectativas mútuas, que se criam através da exposição do eu” (p. 196).

Os relacionamentos conjugais tem seu cotidiano de alegrias e dificuldades acompanhado mais de perto, ou seja, com mais intimidade do que a maior parte das famílias com as quais os espectadores interagem na vida real. Marcondes Filho (1994), a propósito, diz que a telenovela “faz parte, domina e preenche o cotidiano das pessoas, e, na maioria dos casos, de forma mais rica, densa e emocionante do que própria vida (p. 45).

Dessa forma, os casais da telenovela desempenham papel que, em alguns aspectos, é similar ao desempenhado pelos casais, ao viverem acontecimentos como a traição. O tema gera reações, surpresas, controvérsias, exigindo conversas, discussões, tomadas de posição, tanto na interação com amigos e vizinhos como na relação com os membros da própria família.

Infidelidade no dicionário brasileiro Aurélio (1996), significa traição ou ainda falta de exatidão ou verdade. A infidelidade pode ser observada através de vários aspectos, sendo estes psicológicos e sociais, para assim tentar chegar a um conceito sobre tal problema. De acordo com Pittman (1994), a infidelidade pode ser entendida como um quebra de confiança, traição de um relacionamento ou ainda o rompimento de um acordo.

2 – OBJETIVO

O trabalho que aqui se apresenta pretende a partir do exame do conteúdo de seis novelas do horário nobre, exibidas entre 2003 e 2008 pela Rede Globo de Televisão (*Mulheres Apaixonada*, *Senhora do Destino*, *América*, *Páginas da Vida*, *Paraíso Tropical* e *Duas Caras*) analisar a traição conjugal nas telenovelas e os motivos que levam os personagens femininos e masculinos a adotarem tal comportamento.

De forma mais específica objetiva-se constatar e discutir as características dos arranjos familiares nos quais esses casais estão inseridos, conforme estejam presentes no



material ficcional a ser considerado, tanto no caso de famílias de baixa renda como no caso de famílias de classe média / alta. O projeto possibilita apreender e discutir representações sociais de casais e de relacionamentos que estão presentes na forma de pensar e nas práticas de grupos específicos identificáveis da sociedade brasileira e que porventura estão representados nas tramas. O presente trabalho, dentro de seus limites, pretende contribuir para a reflexão sobre um aspecto psicossocial específico que integra o universo das relações entre telenovela e a relações afetivo-conjugais.

3. FAMÍLIA E TRAIÇÃO

A família é hoje identificada com uma relação primordial e universal, “que está presente nas diversas culturas, em todos os períodos da história, como forma de relação social constitutiva da espécie humana” (Petrini, 2003, p. 65). No mundo ocidental, foi só a partir da Idade Média que as exigências de normatização sobre propriedades e heranças abriu caminho para a caracterização legal sobre o que constituiria uma família.

Coutinho e Menandro (2009) assinalam que a família ainda é “concebida por muitos como uma instituição natural, um invariante histórico” (p. 28) e, em decorrência, o modelo da família nuclear marcada pela afetividade entre seus membros é percebida como modelo universal.

Somente na segunda metade do século XIX a família passou a ser objeto de interesse científico (Quintas, 2000). Foi nesta época que a família passou a ser pensada como instituição social dependente de acontecimentos da história, incorporando, dessa forma, o questionamento ao determinismo biológico estrito, e à possibilidade de falar em modelo universal de família (Coutinho e Menandro, 2009). Abriu-se, então, o espaço para estudos que buscaram conhecer diferentes formas de organização familiar e mesmo de sistemas de parentesco, de forma articulada com o contexto em que se desenvolveram.

Esse tipo de visão é que permitiu o aparecimento de caracterizações de família que incorporam aspectos sociais e culturais. Romanelli (2003), por exemplo, mesmo ao falar do modelo tradicional de família nuclear, destaca que podem haver variações dependendo da posição social ou do contexto cultural, ainda que permaneçam alguns



atributos básicos. Assim se manifesta esse autor sobre aspectos importantes para a caracterização de família:

“Uma estrutura hierarquizada, no interior da qual o marido / pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos; a divisão sexual do trabalho bastante rígida, que separa tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e sua prole, sendo que neste último caso há [ou deve haver] maior proximidade entre mãe e filho; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual” (Romanelli, 2003, p. 75).

As novelas de fato buscam retratar diversas mudanças ou novidades nas configurações familiares, normalmente pela via de incluí-las ao retratá-las na trama, compreensíveis para os telespectadores como famílias possíveis na realidade brasileira. Marques de Melo (1998) diz que tal apropriação do real se faz em torno de parâmetros morais da instituição familiar (sem adesão automática a tais parâmetros, acrescenta-se aqui), ajustando conteúdos ideológicos e determinados sentimentos, costumes e tendências já existentes socialmente, ainda que em alguns casos seja possível falar de costumes ou tendências recentemente surgidos.

Considerações similares enfatizando que a família é utilizada na trama como ambiente para a manutenção do padrão tradicionalíssimo do folhetim, foram apresentadas por Lopes (2009), ao assinalar que a telenovela aborda diversas instâncias da realidade, mas é o comportamento e as questões morais que mais chamam a atenção, e todo o conteúdo está investido dessa matriz narrativa. O reconhecimento do público acontece porque todo mundo se vê numa família.

A infidelidade conjugal se encaixa nos temas abordados nas telenovelas no qual há presença das questões morais. Nas tramas, os conflitos nos relacionamentos amorosos são ingredientes fundamentais para envolver os personagens e o público. E a traição é um dos motivos que levam a separação dos personagens romantizados.

A infidelidade pode não ser a pior coisa que o parceiro faça ao outro, mas é uma das mais perturbadoras e desorientadoras porque é capaz de destruir um relacionamento, não necessariamente pelo ato sexual, mas pelas mentiras e segredos que passam a distanciar o casal (MENEZES apud PITTMAN, 2005).



Maldonado (1995) analisa a infidelidade como sendo um sentimento de dor profunda. É a dor de perder uma pessoa muito importante com a dor de não ser mais importante para essa pessoa. É uma impotência para alterar a situação. A traição envolve um processo de luto pelas perdas de confiança e respeito. Esses sentimentos são manifestados pelo telespectador ao se deparar com o tema na novela, principalmente quando já vivenciou situação parecida (MENEZES, 2005).

Conforme Larrañaga (2000), a infidelidade é sintoma de que algo não vai bem no matrimônio, devido a isto os cônjuges buscam aventuras amorosas porque procuram aquilo de que lhes falta em seu próprio matrimônio. Pela falta de afetividade ou sexo, partem em busca do novo. Quando os cônjuges não se dispõem a abordar os problemas que se arrastam há anos, tendem a buscar experiências extraconjugais, ainda que passageiras, porque acreditam que elas podem constituir-se em meio eficaz para aliviar tensões e angústias e que, por esse caminho, poderiam até encontrar solução para problemas não resolvidos da intimidade (MENEZES, 2005).

4. METODOLOGIA

Foram identificados os núcleos familiares a partir da análise das sinopses das telenovelas. Em seguida foram criadas categorias que expressassem o conteúdo a ser extraído diretamente do exame da trama de acordo com a tabela abaixo. Tal categoria permitiu apresentar informações quantitativas, considerando a condição socioeconômica das famílias retratadas, o arranjo familiar e faixa etária pelo parâmetro mais novo ou mais velho de acordo com o parceiro e parceira que comete a traição.



	Homem protagonista da traição	Mulher protagonista da traição
Nº de casos	16	10
Classe média/alta	15	7
Classe de baixa renda	1	3
Parceiro(a) mais novo(a)	7	2
Parceiro(a) mesma idade	7	6
Parceiro(a) mais velho(a)	2	2
Parceiro(a) pobre	7	0
Parceiro(a) mesma classe	8	7
Parceiro(a) mais rico	1	3
Protagonista com filho	10	7
Protagonista sem filho	6	3

Quadro 1: Número de situações de traição conjugal apresentadas nas seis novelas, para homens e mulheres, considerando algumas características do(a) traidor(a) e do(a) parceira(a) na traição.

5. A TRAIÇÃO CONJUGAL A PARTIR DA TELENOVELA

O tema foi abordado em todas as novelas, mas acrescenta-se aqui o fato de que essa traição foi protagonizada tanto por homens como por mulheres. Ambos as situações ocorreram em todas as seis telenovelas, mas as traições protagonizadas por homens foram mais frequentes nas tramas.

Também o tema da traição conjugal, apesar de seu caráter corriqueiro nas tramas despertou interesse da imprensa de âmbito nacional. A revista *Isto É*, na edição 1744, de 05 de março de 2003, dedicou reportagem de capa ao tema durante o período de exibição da novela *Mulheres Apaixonadas*, em 2003. A matéria se apropria da traição feminina, especialmente da personagem Helena, interpretada pela atriz Cristiane Torloni (que é usada na reportagem, opinando sobre o tema), para abordar como os casais brasileiros superam a infidelidade do parceiro e mostra o desenvolvimento de uma tendência a resolver o problema por meio da reflexão e do diálogo.



Revista *Isto É*. Edição 1744, de 05 de março de 2003



Christiane Torloni defende sua personagem: “Ela não é leviana”.

Dos dezesseis casos de homens traidores, quinze ocorreram em arranjos familiares de classe média ou de alta renda, tendo sido retratado apenas um caso em que um homem que atua em atividade braçal mantém relacionamento com a patroa de sua namorada, que trabalha como empregada doméstica.

As parceiras dos homens nas traições podem ser mais novas (7 casos), de idade aproximada (7 casos) ou mais velhas (2 casos). Na maior parte das situações (8 casos) essas parceiras eram do mesmo nível econômico dos homens. Em 7 casos as parceiras eram mais pobres e em um único caso a parceira era mais rica. Esses homens que protagonizaram traições tinham filhos em dez casos.



Conforme Maldonado (1995), os motivos da busca de relações extraconjugais são muitos, por exemplo para o homem de meia idade, deixar a mulher por outra bem mais jovem pode representar um alimento da auto-estima, a reafirmação da própria potência, um modo de revitalizar-se, essa mesma necessidade de afirmar-se como homem pode expressar-se por uma verdadeira compulsão de buscar outras mulheres em grandes quantidades (MENEZES, 2005).

Somente em três casos (dois deles envolvendo o mesmo homem, ou seja, o personagem protagonizou duas situações de traição), o traidor é caracterizado como alguém que busca relacionamentos extra-conjugais como prática deliberada e habitual. Em dois casos esses homens que traíram viviam um cotidiano de intenso ciúme por parte de suas companheiras. Em uma das novelas foi retratado um caso marcante de ciúme patológico, mas como não ficou configurada traição no âmbito dessa relação, ainda que tenham ocorrido situações ambíguas, tal caso não está computado nos números de ocorrências de traição.

Em seis casos a mulher que foi parceira na traição é retratada como alguém que contribuiu decisivamente para que a traição acontecesse, insinuando-se e seduzindo. Em três casos as amantes foram retratadas como pessoas que agiam por interesse financeiro (um desses casos envolvia uma prostituta), e em um caso o homem protagonista da traição agia com o mesmo interesse.

Em três casos, mais uma vez, havia relação de subordinação profissional entre o homem e a mulher com quem a traição foi consumada. Em sete casos os homens que traíram são profissionais ou empresários muito bem sucedidos, detentores de expressivo poder. O homem responsável pela traição desempenha o papel típico de vilão na trama em apenas três casos.

Foram retratados dez casos de traição protagonizados por mulheres. Sete deles se desenvolvem no âmbito da classe média ou de alta renda, e três envolvem famílias cuja renda não as situa na classe média (ainda que em apenas um caso a situação seja de pobreza). O homem parceiro na traição foi retratado como tendo idade aproximada à das mulheres em seis casos, em outros dois o amante era mais novo e também em dois casos



era mais velho. Em três casos, os amantes eram mais ricos, sendo a condição econômica equivalente em todos os demais.

As mulheres que traíram tinham filho em sete casos. Em nenhum caso a traidora foi retratada como alguém que busca relacionamentos extraconjugais como prática corriqueira. Em um único caso o homem parceiro na traição foi apresentado como conquistador sedutor que contribuiu decisivamente para que a traição se consumasse. Também em um único caso a mulher responsável pela traição desempenhava o papel típico de vilã. Nenhuma mulher agia por interesse financeiro nesses seis casos, assim como não havia interesse financeiro de seus amantes. Três das mulheres viviam situação de estarem submetidas à vigilância ciumenta do marido, sendo que duas delas viviam atemorizadas pelo fato dos maridos serem violentos, submetendo-as constantemente a episódios de agressão física (mesmo no terceiro caso, em que não havia violência conjugal habitual, em determinado momento chegou a ocorrer tentativa de assassinato da esposa).

Os dois casos de violência conjugal explícita são bem distintos quanto à caracterização socioeconômica das famílias. Um deles envolve família pobre, com dois filhos adolescentes, com todos os integrantes negros, na qual o marido está vinculado à criminalidade. Na outra aparece um casal de classe média, sem filhos, sendo ambos os cônjuges brancos, com mulher com atuação profissional que lhe assegura autonomia financeira. Tais situações extremas afastam a possibilidade de se dizer que o tema é tratado de forma estereotipada.

Em oito situações fica bem caracterizado o desencanto das mulheres que protagonizaram traição com o cotidiano de seus casamentos, sendo que em dois deles, já mencionados, havia violência física do homem contra a mulher. Em nenhum caso de traição feminina havia relação de subordinação profissional entre a mulher e o homem com quem a traição foi consumada, embora em um caso a relação possa ser vista como equivalente, pois envolveu uma professora e um aluno bem mais jovem que ela. Também não foram registrados quaisquer casos em que a mulher que traiu fosse profissional ou empresária muito bem sucedida, detentora de expressivo poder.



Fica evidente que os casos de traições masculinas foram retratados em maior número. Tal caracterização corresponde à imagem culturalmente enraizada do homem como protagonista mais típico de traições conjugais. Embora não estejam disponíveis dados seguros sobre ocorrências dessa natureza, é certo que por longo tempo as condições vividas pelo homem, desenvolvendo atividades em ambientes públicos enquanto as mulheres se ocupavam predominantemente de tarefas em ambientes privados, favoreceu o desenvolvimento da imagem do homem como traidor em potencial, disponível sempre alguma situação propícia se apresentasse. Ainda assim, as novelas mostraram um número surpreendente (em função do que foi dito antes) de situações em que a traição foi consumada por mulheres “comuns”, ou seja, mulheres que não estavam sendo retratadas como vilãs, como desequilibradas ou como interesseiras.

É possível localizar algumas pequenas diferenças entre as situações masculinas e femininas, ainda que não seja possível identificar padrões típicos para cada caso. Talvez as mais típicas sejam:

A) Em nove dos nove casos de traições femininas fica bem caracterizado o desencanto que essas mulheres estavam vivendo em suas relações amorosas, sentindo-se desprestigiadas, desvalorizadas, desprezadas ou até mesmo violentadas física e psicologicamente. Situação idêntica não foi relatada para qualquer dos homens que protagonizaram episódios de traição, embora possa ser mencionada a existência de similaridade nos casos de dois homens que viviam uma relação marcada por constante ciúme das parceiras.

B) A apresentação dos parceiros na traição como pessoas bem mais novas do que os protagonistas da traição é muito mais acentuada para os homens (sete casos em dezesseis) do que para as mulheres (dois casos em dez).

C) Em seis casos de traições masculinas a situação é apresentada de forma que sugere que os homens foram levados a trair pela intensa provocação e oferecimento que as mulheres manifestaram, ou seja, sugere que eles foram seduzidos. Em apenas dois casos de traição feminina é apresentada caracterização similar.

Considerados todos os dados apresentados ficam esboçadas algumas idéias relacionadas às diferenças entre homens e mulheres em relação à traição. Por exemplo: a) homens traem mais que mulheres; b) homens e mulheres traem por razões diferentes, embora tal idéia não seja explorada de forma sistemática; c) mulheres traem, principalmente, por



motivos associados ao fato de se sentirem desvalorizadas e não desejadas na relação que vivem, com o que novas experiências podem ser muito mais repletas de romantismo; d) as mulheres parecem trair mais freqüentemente homens cujo interesse por elas não se manteve no nível que elas gostariam, não ocorrendo o mesmo no caso dos homens; e) apenas entre as mulheres ocorreram traições vinculadas à proteção dos filhos (contra violência ou negligência como provedor de parte do cônjuge); f) a traição masculina parece associada, freqüentemente, ao exercício do poder; g) a traição masculina parece associada, outras vezes, à dificuldade de resistir aos encantos e provocações de mulheres que se valem de seu potencial de sedução para conseguir aquilo em que estão interessadas.

De acordo com o ponto de vista de McCarthy (1981), ter um caso íntimo pode ser um poderoso incentivo para nosso ego, particularmente quando a pessoa se sente desanimada no emprego, tem complicações familiares, ou dúvidas próprias da meia-idade. Para o homem, constatar que ainda é capaz de amar e de ser amado pode fazer com que ele sinta uma nova vida. E isto pode se aplicar muito bem a uma relação extraconjugal como a qualquer outro tipo de relação. Um caso íntimo pode exercer um profundo efeito regenerativo sobre a vida do homem (MENEZES, 2005).

Entre todos os vinte e seis casos existe apenas uma família que vive, de fato, situação de pobreza. Trata-se de família negra, em que a mãe cuida de dois filhos adolescentes, a maior parte do tempo sozinha porque o marido vive na marginalidade (tráfico e consumo de drogas) e está preso no início da trama. Quando é solto volta à mesma atividade anterior e retoma a vida conjugal marcada por constantes episódios de violência física contra a mulher. Essa mulher acaba conhecendo um homem que sabe da situação, não concorda com o que acontece e a estimula a reagir e denunciar o marido.

Esse mesmo homem se torna parte da solução de seus problemas, caracterizando uma traição conjugal. Esse único caso de família pobre, envolvendo drogas e violência, ser interpretado por atores negros, não é suficiente para qualquer interpretação de associação racista entre cor da pele e determinada forma de agir. Vale lembrar que também há um caso em que mulher branca, de classe média, é vítima de violência conjugal e se envolve com outra pessoa em busca de alívio ou solução para seu problema.



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível dizer que a forma como a traição é apresentada nas novelas encare de forma diferenciada, em relação a vários aspectos, os casos protagonizados por homens e por mulheres. Em outras palavras, em relação a muitos aspectos não há uma abordagem sexista. Diversos tipos de homens e de mulheres podem se envolver em traição, de acordo com o material analisado. Ainda assim, é importante alertar para um ponto: é possível perceber como razoavelmente constante a presença tanto de mulheres ingênuas, hesitantes na decisão sobre como agir, como de mulheres espertas, decididas a usar qualquer recurso para atrair a atenção do homem casado que a interessa.

É importante alertar para esse ponto porque se as mulheres podem ser tanto ingênuas como perigosas uma proposição que passa a ser concebível é a de que as mulheres devem ser mantidas sob rédea curta, devem ser vigiadas. Por outro lado a traição masculina tal como é apresentada nas novelas, mesmo que culturalmente resulte de uma história durante a qual ela foi vista como mais desculpável, pode ser percebida como “mais traição”, porque a pessoa traída mantinha interesse e amor pelo traidor, e foi enganada em todos os aspectos (SOUZA, MENANDRO, 2010).

A traição não é apresentada de forma que pareça diferencialmente associada com algum tipo de configuração familiar. Tanto homens como mulheres que traíram podem estar ou não em um primeiro casamento, podem ainda não estar formalmente casados, podem ter filhos assim como podem não tê-los (nos casos em que existem filhos, eles são sempre adolescentes ou adultos), podem viver configurações familiares em que marido e mulher têm atividades profissionais ou podem viver situação em que apenas o marido tem atividade remunerada, podem viver em contextos nos quais existe violência física ou contextos em que as relações são amistosas.

Tanto os homens quanto as mulheres têm relações extraconjugais, porém, por diferentes razões. Dentre alguns dos motivos explicitados, as mulheres geralmente traem para se sentirem queridas, especiais e importantes, para serem apreciadas como pessoas. Por outro lado, os homens geralmente têm casos para serem sexualmente aceitos, querem



uma mulher que aprecie sua aparência e os considere sexualmente atraentes e capazes de satisfazê-las. (MENEZES, 2005)

As classes média e de alta renda estão super-representadas. Quase todas as situações de traição ocorrem em famílias apresentadas como integrantes dessas classes. Como essas famílias constituem a maior parte das famílias presentes à trama não parece estranho essa super-representação. Por outro lado, há sempre o risco de caracterizar as pessoas com poucas dificuldades financeiras como pessoas volúveis, que estão sempre em busca do prazer pessoal, mesmo que ao custo de encarar traições como práticas banais e defensáveis, no sentido de que o outro traído não importa. Em outras palavras: o assunto não é tratado de forma estereotipada, mas também não existe qualquer intenção de defender ou de condenar tais práticas.

O tema da traição conjugal apresenta uma peculiaridade interessante no sentido de que os espectadores dificilmente conhecem casos reais em quantidade e com riqueza de detalhes que possam ensejar um processo reflexivo no qual realidade e ficção são seguidamente confrontadas. Talvez isso resulte na percepção das situações de traição retratadas como mais fortemente ficcionais e descoladas da realidade cotidiana do que pode ocorrer com outras situações familiares e conjugais, reduzindo seu potencial de ser incorporado como prática defensável pelos espectadores.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO S.M.S., e MENADRO, P.R.M. (2009). **A Dona de Tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa**. Vitória: GM/PPGP-UFES/Unes.

HAMBURGER, E. (1998). **Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano**. Em: Schwarcz, L.M. (Org.) *História da vida privada no Brasil – Volume 4* (439-487). São Paulo:

LARRAÑGA, Ignácio. **O Casamento Feliz: respostas para que o amor acorde de cara nova todas as manhãs**. Traduzido por: Alda da Anunciação Machado. 3 ed. Edições Loyola, 2000

LOPES, M.I.V.; BORELLI, S.H.S. e RESENDE, V.R. (2002). **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus.

MARCONDES FILHO, C. (1994). **Televisão**. São Paulo: Scipione.

MENDES, M.B.T. (2008). **A ficção seriada na TV brasileira: uma prática sociossemiótica**. *Estudos Linguísticos*, 37 (3), 273-280.



MENEZES, G. B. (2005). **Infidelidade: fatores psicológicos e sociais na ocorrência da traição**. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia apresentado ao CEULMULBRA, Manaus/AM 2005

MALDONADO, Maria Tereza. **Casamento: Término e Reconstrução**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

PETRINI, J.C. (2003). **Pós-modernidade e Família – um itinerário de compreensão**. Bauru: EDUSC.

PINHEIRO, M.H.C. e BIASOLI - ALVES, Z.M.M. (2008). **A família como base**. In: L. Weber (Org.). **Família e desenvolvimento – visões interdisciplinares** (21-36). Curitiba: Juruá.

PITTMAN, Frank. **Mentiras Privadas: A infidelidade e a traição da intimidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRADO, D. (1981). **O que é família**. São Paulo: Brasiliense

QUINTAS, F. (2000). **A mulher e a família no final do século XX**. Recife: FjN/Massangana.

RIBEIRO, R.J. (2005). **Afeto Autoritário: Televisão, ética e democracia**. Rio de Janeiro: Ateliê Editorial.

ROMANELLI, G. (2003). **Autoridade e poder na família**. In: M.C. Brant de Carvalho (org.). *A família contemporânea em debate* (73-78). São Paulo: Educ/Cortez.

SOUZA, C.F e MENANDRO, P.R.M (2010). **Relações familiares em telenovelas brasileiras de grande audiência: aspectos relevantes e polêmicos em transformação**. Vitória, PPGP-UFES.

ZAMPERI, Ana Maria F. **Erotismo, Sexualidade, Casamento e Infidelidade. Sexualidade Conjugal e Prevenção do HIV e da AIDS**. São Paulo: Agora, 2004